



## O CONTO FANTÁSTICO NA SALA DE AULA: *SETE MONSTROS BRASILEIROS* DE BRÁULIO TAVARES

Priscila Nunes Brazil; Júlia Neves Gonçalves; José Hélder Pinheiro Alves

*Universidade Federal de Campina Grande, prinunesbra31@gmail.com*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo discutir, através de contos do livro *Sete Monstros Brasileiros* de Bráulio Tavares como se dá o diálogo entre a tradição oral e a erudita na referida obra. Tal discussão visa identificar elementos da tradição que são potencializados pelo escritor e que reverberações podem ter para o leitor, sobretudo, em contexto de ensino. Essa discussão se justifica porque a literatura fantástica (TAVARES, 2014), em sentido amplo, muito se alimenta de personagens das mitologias gregas, das tradições celtas e de seres inéditos e exóticos. No entanto, pouco se lê sobre os seres fantásticos criados e reproduzidos na tradição da literatura oral brasileira. Dessa forma, instigado pela riqueza dessa tradição, Bráulio Tavares, em sete contos, escreveu histórias inspiradas nas criaturas “monstruosas” da mitologia brasileira, compondo assim uma coletânea de aventuras protagonizadas por alguns de nossos personagens amplamente conhecidos pela tradição oral como, por exemplo; o papa-figo, o lobisomem e a Iara. Fundamentamos este trabalho principalmente em reflexões sobre a teoria do conto (GOTLIB, 2006) e na literatura oral (CASCUDO, 1986).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sete Monstros Brasileiros*, Literatura oral, Mitologia brasileira.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mil facetas têm o fantástico, porque, afinal, são mil pontos de vista que o examinam. O conto fantástico, por sua vez, consegue fazer com que o imaginário do público infanto-juvenil flua levando-os, a partir das histórias trazidas por estes, à formulação constante de hipóteses que podem ser respondidas ou não ao decorrer da leitura dos contos. O teor fantástico dá vez e voz aos mais variados mundos imagéticos contribuindo para as percepções das crianças.

O conto sempre reuniu pessoas que contam e pessoas que ouvem histórias na sociedade. Segundo Gotlib (1998), em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas traziam notícias, trocavam ideias e... contavam casos. Assim, se fôssemos enumerar as fases pelas quais o conto passou desde as suas primeiras realizações orais até os registros escritos, teríamos que percorrer nossa história observando traços de nossa cultura observando os momentos de escrita pela qual nossa sociedade passou.

Para Julio Casares apud Gotlib (2006, p.13) há três acepções da palavra *conto*. 1. relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam, assim, um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa



e, enquanto tal, são todas narrativas.

Enquanto narrativa, o conto depende, muitas vezes, de uma imaginação visual e da capacidade de engendrar ambientes e situações, dessa forma, poderíamos dizer que o caráter fantástico pode ser imprescindível ao se ler um conto. Sobre isso, Ortega y Gasset apud Amaral (2006, p.17) reflete: “Que seria do homem mais sábio da terra se lhe tirassem, de repente, de sua alma, todos os mitos?” e ainda pontua “o mito, a imagem fantástica é uma função interna sem a qual a vida psíquica ficaria mutilada”.

Bráulio Tavares, autor do livro *Sete Monstros Brasileiros*, no ano de 2008 propôs em seu blog *Mundo Fantasma* a leitura de um texto de sua autoria cujo nome é ‘A literatura e a imaginação’ no qual ele explicita um posicionamento relevante para se considerar ao lermos seus sete contos fantásticos propostos no livro que é corpus deste trabalho. Com isto, ele propõe a ideia de que: “Imaginar é tudo. Quem rejeita a literatura imaginativa, rejeita o fenômeno literário por inteiro. Quem duvida de Flash Gordon tem que duvidar também de Madame Bovary. Quem recua diante de um futuro “cyberpunk” deveria recuar também diante dos castelos de Proust. A imaginação criativa não é necessária apenas para ler e escrever os contos de Andersen ou os romances de Kafka: ela é necessária também para ler livros de História do Brasil, relatos jornalísticos sobre a Guerra do Iraque, romances realistas. Se uma literatura específica exige mais da nossa imaginação, é porque ainda temos o que aprender, ainda temos o que crescer como leitores”.

Sendo assim, objetivamos, com o presente trabalho, refletir e discutir, através de contos do livro *Sete Monstros Brasileiros*, como se dá o diálogo entre a tradição oral e a erudita identificando os elementos da tradição que são potencializados por Bráulio Tavares dando ênfase às muitas aventuras vividas pelas criaturas “monstruosas” da mitologia brasileira observando o caráter fantástico da obra e refletindo a respeito da riqueza da nossa tradição retratada pelo escritor nos contos que compõem o livro.

Para tanto, o presente artigo está dividido em quatro partes que se interligam; a primeira está intitulada como: o gênero conto na formação do leitor, a segunda diz respeito à literatura fantástica e ao conto fantástico refletindo sobre suas respectivas importâncias na sala de aula, na terceira traçaremos uma discussão a respeito da tradição popular com foco na literatura oral passando pela mitologia brasileira à luz de Cascudo (1986) e, em seguida, na quarta seção trataremos reflexões a respeito dos contos fantásticos de Bráulio Tavares dando ênfase à sua importância de sua obra.



## 1. O gênero conto na formação do leitor

Ninguém nasce leitor. Apenas com o tempo, aprendemos a falar, a escrever e a ler, e, com isso, podemos nos tornar leitores. A leitura em voz alta, a leitura silenciosa, a leitura para grupos ouvirem, são aptidões que adquirimos por diversos meios e que surgem em diferentes épocas. Ao aprender a ler, a criança pode encontrar-se nas passagens de um conto, por exemplo, e se identificar com a fantasia ali exposta, com os personagens ou com outros vários elementos presentes na história.

A formulação de expectativas e hipóteses ao lermos determinado conto geralmente acontece de maneira muito natural e isso é essencial, uma vez que, segundo Moisés (1975), há uma grande importância do enigma que garante imprevisibilidade à trama, uma vez que, satisfaz a curiosidade do leitor cativado desde o início da narrativa. Com isso, o conto é uma das primeiras modalidades discursivas com a qual ao público infantil interage. Assim, Gotlib (2006) pontua:

o conto não tem necessariamente compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. A esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo (GOTLIB, 2006, p.5).

Segundo Amaral (1977), não adianta abolir o mito ou o maravilhoso da alma das crianças. Ele se fará presente porque assim exige o processo evolutivo da psiquê da criança. O mito, assim, para a autora é uma espécie de combustível para a imaginação infantil. O conto, nessa perspectiva, tem um papel fundamental na formação do leitor, uma vez que, dentre as suas especificidades, pode revelar um caráter ficcional e mítico que leva a criança a criar mundos imaginários dentro da literatura.

A imaginação da criança e do adolescente supera a realidade que o cerca, assim, os mitos e o fantástico são um material de alta qualidade na literatura infantil e na literatura em um sentido mais amplo. Se tomarmos como exemplo alguns dos contos nos quais estão inseridos os Sete Monstros Brasileiros de Bráulio Tavares perceberemos claramente características que nos fazem alcançar o universo descrito e entrar na realidade proposta pela sua literatura. Os personagens, o enredo, o



espaço contribuem para um todo fantástico.

O leitor em formação, a partir do conto fantástico, se deixa fascinar pelo mistério e esperar ansioso pelo clímax, assim, acaba participando do jogo da fantasia, envolvendo-se no mundo fantástico que o contista lhe apresenta.

Moisés (1975) destaca que a cosmovisão do autor mostra-se pela estrutura do conto, pela temática abordada, pelo tom e tensão dramática da narrativa. Sendo uma narrativa curta, o contista concede especial atenção e elaboração do início da trama, pois o interesse do leitor se estabelece de imediato, já nas primeiras linhas do conto. Pensando nisso, o gênero pode ser um importante aliado no processo de formação de leitores os instigando e fazendo com que, a partir de uma leitura prazerosa, possa-se motivar o sujeito a ler, a escrever, a reescrever desenvolvendo, assim e aprimorar, assim, uma escrita criativa.

Cabe ressaltar, sem dúvidas, o papel da escola nesse processo de aprendizagem e de motivação leitora. Assim:

é tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem dos novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada (DCE, 2008, p. 48).

Dessa forma, a partir do momento em que o leitor tem o domínio do processo de aquisição da leitura, ele torna-se também competente para a apropriação dos desdobramentos que essa aquisição lhe proporciona: interpretação e escrita de textos. Pode-se dizer que a leitura, a escrita e a oralidade são protagonistas de todas as ações realizadas nos meios escolares e sociais, por isso tamanha é a importância de fazer com que os alunos conheçam esses mecanismos da língua.





## 2. Literatura fantástica, conto fantástico e sala de aula: um diálogo pertinente

Os sujeitos, normalmente, ficam pensativos diante de fatos estranhos que acontecem ao decorrer de um conto, de uma narrativa, de, enfim, um livro e, a princípio, incompreensíveis pensando em como partes do corpo que passam a ter vida própria; com feitiçarias, metamorfoses e aparição de fantasmas, vampiros, ciclopes, monstros, lobisomens, seres invisíveis, mortos-vivos e outros elementos sobrenaturais; ou ainda situações assustadoras oriundas de pesadelos e alucinações.

Em meio a esses acontecimentos inesperados, o leitor perplexo questiona-se constantemente: será que se trata de ficção ou realidade? Cria-se, assim, ao decorrer da história um clima de suspense e dúvida que envolve o leitor, e este é desafiado a encontrar a sua própria explicação para o que está observando. Esse contexto temático é comum no gênero textual denominado conto fantástico. Se formos buscar no dicionário Aurélio, o vocábulo ‘fantástico’ designa tudo que somente tem existência na fantasia, ou seja, aquilo que diz respeito ao imaginário.

Os textos, como dizia Damon Knight, são conjuntos de sinais onde deciframos as instruções. As palavras impressas no livro são as instruções. A história é o que acontece em nossa mente durante a leitura deles. Podemos dizer, assim, que para apreciar intimamente o Fantástico é preciso ter uma suspensão voluntária da descrença a fim de vivenciarmos propriamente o poder da literatura nessa perspectiva. É preciso, portanto, acreditar no personagem, no enredo ao ponto de fabularmos o outro imaginando as situações por ele vividas.

Assim, o conto que prima pelo universo fantástico desperta à imaginação do leitor através de seus elementos principais a exemplo do personagem, enredo, espaço, conflitos. Através destes, é possível que se inicie um processo de aproximação do indivíduo com o universo da leitura e da escrita, pois:

o texto ficcional e o poético apropriam-se das referências da realidade histórica, em termos de tempos, ambientes, costumes, personagens, conflitos, sentimentos, para abstrair dos fatos as motivações humanas que os geraram e que são comuns a todos os homens. Ler ficção e poesia, por conseguinte, não é entrar num mundo



mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social (MARTHA, 2008, p.18).

Assim sendo, as obras apresentadas para a leitura em sala de aula devem ser pensadas cuidadosamente e selecionadas pelo professor, a fim de motivar o interesse e promover um ensino que motive a competência leitora dos alunos. Para Solé (1998, p.116) “o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado”.

Um dos mais significativos processos de formação de um leitor proficiente consiste em ensiná-lo a desvendar as pistas que o texto lhe apresenta, conforme organização e elaboração da linguagem, pois elas podem abrir os caminhos para a elaboração dos sentidos e significados ali sugeridos.

Se partirmos do pressuposto de que a criança ou adolescente ainda não cultiva o prazer pela leitura devido à quantidade de páginas que pode vir a interferir no seu desejo imediato, pensaremos que é essencial buscarmos gêneros textuais condizentes a esta realidade. Dentre as possibilidades para avançar nessa realidade, o gênero literário conto se destaca, uma vez que, as histórias são geralmente curtas e de fácil compreensão. Casselato (2007, p. 05), com isso, analisa que “o conto (...) permite o professor motivar o leitor pela forma sintética com que apresenta, representa e explora o mundo; isso cuidadosamente”.

Portanto, a opção pelo conto fantástico na obra de Bráulio Tavares pode contribuir para propostas pedagógicas significativas, visto que, o mistério, a aventura, o suspense e os elementos do sobrenatural despertam no aluno o interesse e a imaginação, nas mais variadas faixas etárias do ensino básico.

### **3. A tradição popular e a Mitologia Brasileira em Sete Monstros Brasileiros**

Uma das formas mais antigas de se conhecer histórias é através da oralidade, a história ouvida pela avó, cuja bisavó contou-lhe e que hoje sua mãe lhe conta é um exemplo do poder da literatura que chega a transcender gerações. O registro escrito de muitas histórias só veio depois,



mas ainda assim muitos dos mitos, por exemplo, que circulam Brasil afora podem não ter registros escritos, porém, nem por isso o sujeito deixará de conhecer e encantar-se por mitos, contos e ritos, ainda eles sofram ressignificações de contador para contador. Assim, Para Câmara Cascudo:

todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE. Folk, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento. (CASCUDO, 1967, p. 9).

A tradição popular tem a importante função de preservar histórias, de garantir às novas gerações o conhecimento, a cultura e a forma de viver de seus antepassados. Para muitos grupos a oralidade é ainda a única forma de resgatar e preservar as histórias de sua cultura. Sobre isso Cascudo reflete:

ao contrário das lições dos mestres, creio na existência dual da cultura entre todos os povos. Em qualquer deles há uma cultura sagrada, oficial, reservada para a iniciação, e a cultura popular, aberta apenas à transmissão oral, feita de estórias de caça e de pesca, de episódios guerreiros e cômicos, a gesta dos heróis mais acessível à retentiva infantil e adolescente (CASCUDO, 1954, p. XIII).



Com isso, Bráulio Tavares traz através de seus *Sete Monstros Brasileiros* histórias com alguns personagens já conhecidos pela nossa tradição popular. O autor, no posfácio, revela que muitas das histórias contidas na obra utilizam de mitos e monstros da tradição usando, por exemplo, a figura da “sétima filha” que faz relação com um mito amplamente conhecido inclusive pela cultura erudita e diz respeito à tradição de que o primeiro filho ou filha seja padrinho ou madrinha do sétimo para que este não vire lobisomem. No Nordeste, esta é uma crença popular que já inspirou contos, personagens e enredos. Há também em *Sete Monstros Brasileiros* outros personagens que figuram na cultura amplamente conhecida, como, por exemplo: o Bradador – conhecido como uma múmia desenterrada -; o papa-figo, os zumbis presentes no conto ‘mortos-vips’ que nos fazem lembrar dos seriados e livros de ficção científica e de literatura fantástica atuais que envolvem zumbis e a Iara – personagem amplamente conhecida na tradição oral, erudita e, agora, com Bráulio Tavares, na popular.

#### 4. *Os Sete Monstros Brasileiros* de Bráulio Tavares

Um título é sempre uma promessa, disse Jacques Derrida. Bráulio Tavares em seu blog *Mundo Fantasma* em um de seus textos completa: “muitas vezes o leitor nem sabe direito o que lhe está sendo prometido, mas fica disposto a pagar pra ver”. Assim, seu livro *Sete Monstros Brasileiros* desde o título já nos chama atenção e, como um texto de caráter fantástico, normalmente nos instiga a pensar: quem serão os sete monstros brasileiros?

O autor, no livro, se propõe a trazer personagens, ambientes e enredos cheios de riqueza narrativa trazendo muito dos monstros amplamente conhecidos pelas séries de TV, no caso dos zumbis e pela literatura oral, como é o caso da iara ou do papa-figo.

A antologia proposta por Bráulio Tavares impacta o leitor por trazer monstros que são conhecidos geralmente por causarem um impacto. O autor, na apresentação do livro, ressalta a importância desse impacto da literatura, uma vez que para ele:

há um momento na vida em que acreditamos na existência dessas criaturas mesmo sem tê-las visto, assim como acreditamos na existência de outros seres que nunca vemos, como o tubarão ou a girafa. Quando crescemos, elas perdem o





poder sobre nós, mas um escritor deve ser capaz de reconstituir as suas memórias desse tempo da infância, em que via o mundo com outros olhos, cheios de potência criativa e tinha certeza absoluta que esses seres existiam (TAVARES, 2014, p. 5).

Assim, quanto à divisão do livro, existem sete contos que trazem a história de sete monstros brasileiros diferentes. Os contos fantásticos são intitulados respectivamente como: a sétima filha, Bradador, o papa-figo, a porca de Soledade, os mortos-vips, a expedição Montserrat e uma gota de sangue.

É importante ressaltar que a concepção e o desenvolvimento nessa obra de Bráulio Tavares vai além de uma simples coletânea de contos dedicado a estas criaturas, seguindo um viés enraizado em suas manifestações mais antigas e interioranas. Na obra, temos uma série de relatos que respeitam o aspecto mitológico destes seres unindo tradição e inovação por meio de uma criação literária respeitosa.

O livro começa com ‘A Sétima Filha’, conto que brinca de forma fantástica com a lenda de que o sétimo filho (a) de uma família deveria ser batizado pelo primogênito desta, sob a pena de ter o outro transformado em lobisomem<sup>1</sup> caso a tradição não fosse realizada.

Em seguida ‘Bradador’ expõe a viagem de um auditor fiscal ao interior de Minas Gerais, onde se depara com os lamentos de uma estranha criatura que se transforma em uma espécie de múmia<sup>1</sup>. ‘Papa-Figo’<sup>1</sup> relata o contato de um garoto com seu estranho vizinho, apelidado e temido pelos jovens da vizinhança como sendo um ser sobrenatural, mesmo sem provas concretas disto.

‘A Porca Soledade’<sup>1</sup> trata do nascimento de uma porca de fome insaciável, comprada por um oportunista e vista como fonte de lucro por este. ‘Os Mortos-Vips’ relata brevemente a perseguição de um grupo de possíveis zumbis<sup>1</sup> a três rapazes. Em ‘A Expedição Monserrat’ o texto ganha ares de jornalismo para expor as mortes e desaparecimentos de um grupo de cientistas em visita ao selvagem monte interiorano. Por fim, ‘Uma Gota de Sangue’ narra a morte cruel de um administrador de um hotel de luxo na Amazônia por criaturas fantásticas da região<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> As palavras em sublinhados fazem alusão aos monstros apontados por Bráulio obra.



Todos os contos acima citados em suas narrativas trazem um caráter fantástico em que o imaginário é indispensável para se adentrar, de fato, à história. A Porca de Soledade, por exemplo, nomeada como um ser insaciável e descrita em uma enorme riqueza de detalhes nos proporcionando uma imagem maravilhosa. Eis algumas descrições trazidas pelo autor:

- "A fama da porca de Soledade, o monstro mais incrível, fantástico e extraordinário que apareceu na Paraíba, é hoje um assunto nacional. E vamos admitir logo - internacional". (p.51)
- "A porca roncava, babujava, cuspiam, mastigava, derramava, engolia, mas não parava de abocanhar as saraivadas de maionese, farofa, ração, torta, palma, espaguete a bolonhesa, sopa de pobres, tudo o que os alimentadores lhe jogavam sem parar". (p.53)
- "Numa noite qualquer deste ano, um dos trinta homens atarefados que a alimentavam teve que interromper o trabalho por um instante enquanto limpava o suor da testa. E, com isso, a porca morreu de fome". (p.53)

Com isso, é notória a riqueza da cultura popular refletida na obra de Bráulio Tavares e a respeito dessa imaginação popular Luís da Câmara Cascudo traz:

ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular (CASCUDO, 1986, p. 15).

Por fim destas breves considerações é importante ressaltar que Tavares faz uso de uma linguagem típica do nosso cotidiano, permitindo um fácil entendimento entre pessoas dos mais distintos letramentos, juntamente com presenças de narrações, diálogos e descrições minuciosas das ações dos personagens e dos ambientes em que eles se encontram, com isso, o autor permite que o leitor se envolva na leitura de cada conto.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos uma mitologia brasileira oral ou escrita rica em aspectos que servem de fonte, inspiração e ponto de partida para a criação de narrativas literárias dos mais diversos gêneros. Neste caso, Bráulio Tavares, usou dessa tradição para escrever, através do gênero conto, sete monstros fantásticos de nossa tradição através de sua forma de pensar personagens e histórias que já ouvira falar desde a sua infância na Paraíba.

Escrever e reinventar histórias, como propõe o próprio autor, não substitui e nem pretende substituir as narrativas tradicionais, assim como os romances históricos não substituem a História propriamente dita, mas nos permitem, sobretudo, levar os personagens do nosso folclore às novas gerações de uma maneira tão fantástica e, por muitas vezes, assustadoras, como quando acontecia no tempo em que nos era contado.

Por fim, notamos, ao decorrer da reflexão dessa obra, que o conto fantástico pode ser um gênero motivador de formação de leitores na sala de aula. Dessa forma, para que o ensino de leitura e escrita na perspectiva dos gêneros textuais possa se transformar numa possibilidade de melhoria da prática pedagógica em Língua Portuguesa, atendendo às atuais exigências das interações comunicativas, torna-se necessário que se amplie a investigação sobre os gêneros, especialmente o conto fantástico.

Acreditamos que, dessa forma, teremos um ensino de língua materna que favorecerá o desenvolvimento da competência comunicativa, uma vez que contemplará a competência leitora impactando na escritora em conexão com o desenvolvimento humano.



## REFERÊNCIAS

TAVARES, Bráulio. *Sete monstros brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.

**Blog:** mundofantasma.blogspot.com/ (Acesso em 05/08/2016)

CÂMARA CASCUDO, Luis da: Contos Tradicionais do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1986.

CAMARA CASCUDO, Luis da: Tradição, ciência do povo. Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

CAMARA CASCUDO, Luis da: Tradição, ciência do povo. Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

CÂMARA CASCUDO, Luis da: Folclore do Brasil (pesquisas e notas). Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Diretrizes curriculares da educação básica: língua portuguesa. Curitiba: Jam3 Comunicação, 2008.

GOTLIB, Nádia. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa e conto*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

CASSELATO, Fátima Maria. *O conto como instrumento motivador da leitura, escrita e reescrita*. Acesso em: 05/05/2016.

MARTHA, Alice Áurea Penteado (org.). *Leitor, Leitura e Literatura – teoria, pesquisa e prática: conexões*. Maringá: Eduem, 2008.

AMARAL, Maria Lúcia. *Criança é criança*. 3º edição. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 1977.